

O dérbi campineiro: futebol, sociedade e imprensa de Campinas

VITORIO LUIS OLIVEIRA ZAGO

Historiador, jornalista e mestre em Multimeios (Instituto de Artes - Unicamp)

RESUMO

O presente artigo é um estudo sobre o maior clássico de futebol da cidade de Campinas, o encontro entre os times da Associação Atlética Ponte Preta e do Guarani Futebol Clube, chamado de “Dérbi Campineiro”, realizado desde 1912, e sua relação com a imprensa escrita e a história da cidade. Nesse espaço e percurso, podemos identificar cinco períodos que mostram diferentes formas dessa interação entre a imprensa e o dérbi, no espaço específico de Campinas.

Palavras-chaves: Campinas. Futebol. Dérbi. Imprensa

ABSTRACT

This paper is a study about the most important soccer matches in the city of Campinas, Brazil, particularly between the two most important local teams, the Associação Atlética Ponte Preta and the Guarani Futebol Clube, the so called “Dérbi Campineiro”. The matches between these two teams have begun in 1912, and the article analyses its relationship both to the press and to the history of the city. We can identify five periods, which show different forms of interaction between press and the “dérbi”.

Key words: Campinas. Soccer. Derby. Press.

O DÉRBI E A PESQUISA

Toda pesquisa científica fundamenta-se na estreita relação entre o pesquisador e o objeto de estudo, inerente a todo o processo, desde a opção por um tema e seu estudo até o seu desenvolvimento e conclusão. E comigo foi da mesma maneira. Desde criança, por influência da família e do meio em que eu interagia, como a rua e a escola, o futebol tornou-se parte significativa da minha vida. Fui e sou um personagem dessa relação tão comum em nosso país, sendo desde 'jogador' e 'torcedor' até 'coleccionador' de objetos relacionados ao futebol, principalmente de minha região, onde nasci e sempre vivi, Campinas.

A opção pelo dérbi campineiro, o encontro entre as agremiações da A.A. Ponte Preta e Guarani F.C., foi uma escolha construída e que partiu do meio em que eu estava inserido, levando-se em consideração as características de minha vida. O objetivo era estudar a história do dérbi a partir das páginas da imprensa escrita, principalmente de Campinas (*Diário do Povo* e *Correio Popular*), e perceber nesse processo o desenvolvimento e as transformações que ocorreram na relação da imprensa escrita com o futebol, e também com relação ao próprio dérbi, a sua inserção no universo profissional de nosso futebol e sua gradual saída do futebol amador da cidade e região, até tornar-se o maior clássico do interior do Brasil.

Para esse estudo procurei inicialmente cercar-me de instrumentos fundamentais para a compreensão e interpretação desse fenômeno cultural de enorme inserção em nossa sociedade e em muitas outras sociedades pelo planeta. A bibliografia escolhida levou em consideração alguns aspectos fundamentais: a história e a sociologia do futebol, a evolução do trabalho da imprensa ao longo do século XX e a sociologia da comunicação.

Isso permitiu levantar preciso retrato dos vários olhares sobre o futebol, as formas como o futebol foi apreendido, abordado e disseminado. A visão de diferentes autores, representantes de áreas diversas de nossa sociedade e academia, desde historiadores e sociólogos até ex-jogadores e jornalistas, mostra o quanto o futebol é inerente a nossa cultura, em muitos aspectos. Também possibilitou perceber como o futebol foi encarado em momentos diferentes de nossa história, ao longo de mais de um século de interação. (ANTUNES, 1992, 1994, 1999; CALDAS, 1990; CASTRO, 1995; NETO, 2000, 2001; WITTER, 1990, 1996)

Não existem muitas obras que lidam especificamente com a relação entre imprensa e futebol. Mas essa relação pode ser percebida, de maneira indireta e direta, em muitos trabalhos sobre o futebol, pois, ao se abordar o jogo, muitos autores precisam, inevitavelmente, entrar nesse universo da cobertura jornalística. E nesse sentido existem inúmeras obras.

E sobre o dérbi, também não existem obras que realizem um estudo mais

profundo sobre o embate clássico de Campinas, enfocando aspectos sociológicos e históricos. O que existem são alguns relatos na forma de contos ou histórias curiosas. (REY, 1997)

A fonte principal para o estudo foi a imprensa escrita, principalmente o *Diário do Povo* e o *Correio Popular*, os mais tradicionais e mais antigos jornais em atividade da cidade de Campinas.

CAMPINAS: PALCO DO MAIOR CLÁSSICO DO INTERIOR DO BRASIL

O primeiro passo para o estudo foi compreender como se formou a cidade de Campinas e sua peculiar sociedade, compreendendo seus códigos de relação social, ou seja, sua cultura específica, além da evolução e interação da população, em suas várias esferas sociais com o desenvolvimento econômico da cidade.

Campinas formou-se a partir de duas motivações. Num primeiro momento fora um local de pouso, onde viajantes como os bandeirantes rumavam para Goiás e Mato Grosso, atrás de ouro e índios. Eram os caminhos para o sertão de Goiás. Os tropeiros que utilizavam esse caminho, chamado de “Caminho dos Goiasenses”, encontravam em Campinas um pouso em meio à densa mata para a longa viagem.

Posteriormente, o governo português no Brasil passou a interessar-se em estabelecer nessa região algo mais que um ‘bairro’ de Jundiaí, a quem pertenciam essas terras entre Jundiaí e Mogi Mirim, chamadas de ‘Campinas do Mato Grosso’. Assim, o governador de São Paulo incumbiu Barreto Leme de transformar a região, que era formada por muitos pequenos sítios e voltada para a plantação da cana-de-açúcar, em um aglomerado urbano independente.

Dessa forma nascia oficialmente Campinas, em 14 de julho de 1774. Em 1797 é elevada à condição de vila, passando a ser a Vila de São Carlos, e em 1847, chega à condição de cidade, já com o nome de Campinas.

Antes mesmo de chegar à condição de cidade, a região se destacaria com a produção da cana-de-açúcar. O capital acumulado nessa fase açucareira possibilitou criar certa riqueza na região e também tornou viável a produção do café a partir da segunda metade do século XIX.

Com o café, a cidade passa por rápidas mudanças, ocorrendo um avanço e desenvolvimento urbano significativo e fundamental para o contexto da produção cafeeira. A estrutura necessária para uma destacada produção e escoamento do café foi montada.

Campinas passa por grande desenvolvimento econômico. Com a riqueza do café, surgem também novos costumes, os urbanos. Culturalmente a cidade também sofre alterações significativas. E é nesse contexto que chega a modernidade, impondo ao meio a ideologia da burguesia cafeeira. Entre as muitas novidades

1 - Embora a Ponte Preta tenha sido fundada em 1900, quase 30 anos depois da chegada da ferrovia (1872), a data escolhida para ser a data oficial de fundação da agremiação foi 11 de agosto, uma homenagem à chegada da via férrea, já que o clube nascia próximo aos seus trilhos.

2 - Muitos estudiosos reconhecem e adotam como marco inicial do futebol no Brasil a chegada a São Paulo de Charles Miller, filho de ingleses e vindo da Inglaterra, onde fora estudar, com duas bolas e as regras de um novo esporte, já muito popular no velho continente. Era o futebol. Devido à proximidade com Campinas e a intensa relação que as cidades já tinham, acredita-se que o futebol chega a Campinas apenas três anos depois, em 1897, quando então teria sido disputada a primeira partida na cidade.

desse momento e a chegada de muitos imigrantes, aparece o futebol, um ainda estranho esporte trazido da Europa.

Campinas ganhou contornos arquitetônicos modernos para a época. Uma política de saúde atingiu as principais e mais ricas regiões da cidade, que se tornou mais 'limpa', mais higienizada, e adequada para o status que agora ostentava. Espaços para as artes, ciência e tecnologia foram trazidos para Campinas, impulsionando as atividades culturais, sociais e científicas. Indústrias, com manufaturas e fábricas ligadas à agricultura são introduzidas em Campinas. A cidade começa a destacar-se no país, uma jóia da província paulista, o que lhe rendeu, nos anos 80 do século XIX, o título de a 'Princesa D'Oeste' de São Paulo... (LAPA, 1996: 17-38)

Essa "modernidade" chega a Campinas e região a partir da década de 1870. Entre as melhorias e mudanças desse período aparecem as estradas de ferro. Campinas foi uma das primeiras cidades a receber ferrovias, símbolo máximo da modernidade, principalmente para escoar o café. As linhas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro foram inauguradas em 11 de agosto de 1872, sendo esse o marco da chegada da ferrovia a Campinas. [1]

No final do século XIX, o futebol, recém chegado ao Brasil e a Campinas [2], apesar de ser ainda um esporte da elite, populariza-se rapidamente. O novo esporte enquadrou-se com destaque ao cotidiano da cidade. Nas duas primeiras décadas do século XX muitos times surgiram em Campinas. A maioria extinguiu-se com a chegada do profissionalismo entre as décadas de 30 e 40.

PONTE PRETA E GUARANI F. C.: OS PROTAGONISTAS DO DÉRBI

O primeiro embate envolvendo essas duas agremiações, que desde a década de 1970 estão entre as melhores equipes do país, ocorreu em 1912. É, portanto, um dos clássicos mais antigos do país, mais antigo até que os de muitas capitais. Mesmo o "dérbi original", S.C. Corinthians P. e S.E. Palmeiras (antigo Palestra Itália), é mais recente.

Entre os dois, a Ponte Preta é a mais velha. O início de sua história está intimamente ligada à ferrovia que ligava Campinas a Jundiaí, que foi inaugurada em 11 de agosto de 1872, tanto que a data oficial de fundação do time é essa. Isso se explica porque sua origem deu-se ao lado dos trilhos da ferrovia, onde hoje está o bairro da Ponte Preta, e onde também localiza-se a ponte que inspirou o nome do time, antes de madeira escurecida com camadas de impermeabilizante de cor preta (daí "ponte preta"). Muitos de seus fundadores trabalhavam na ferrovia.

A ponte, já muito alterada, se localiza ao lado direito, no sentido bairro-

centro, da passagem que liga a Rua Abolição (antiga Rua Ponte Preta, onde funcionaram as primeiras sedes do time, sempre na residência de um dos membros) à Avenida Francisco Glicério e faz a ligação do bairro da Ponte Preta com a Rua Barão de Jaguará.

O bairro da Ponte Preta, antigamente chamado de Bairro Alto ou “Morrinho”, abrigou, nos últimos anos do século XIX e primeiros anos do século XX, uma população de operários ligados à ferrovia, cujos trilhos eram praticamente um divisor: de um lado, a cidade, de outro lado, o subúrbio afastado e pobre, onde ficava o bairro da Ponte Preta.



Vista aérea da região do bairro Proença em Campinas. Aparecem na imagem o Estádio Moisés Lucarelli, o “Majestoso”, da A.A. Ponte Preta, embaixo, e o Estádio Brinco de Ouro da Princesa, do Guarani F.C.. Os estádios estão separados apenas por alguns quarteirões e são ligados pela avenida Ayrton Senna da Silva. Aparecem também na imagem as avenidas Moraes Sales e Princesa D’Oeste, além do Bosque dos Jequitibás e o Centro de Treinamento do Guarani F.C., no alto à direita.

Fonte: postal da Postal Cultural, RPC, São Paulo, SP.

O primeiro campo em que a Ponte Preta mandou [3] seus jogos, nos primeiros anos do século XX, foi o “Ground do Cruzeiro”, localizado no próprio bairro da Ponte Preta, perto do atual Cemitério da Saudade, que antes se chamava Cemitério do Fundão (por estar no subúrbio da cidade). Recebeu esse nome porque se localizava ao lado do Cruzeiro das Missões. (NETO, 2001)

No início de sua história, muitos presidentes da Ponte Preta eram do bairro Vila Industrial. Com o tempo, esse bairro ganhou uma identificação muito grande com o time, até por ser um bairro operário de Campinas. Hoje, é considerado um reduto pontepretano.

O segundo campo em que a Ponte Preta mandou seus jogos foi o antigo Hipódromo campineiro, construído originalmente para as corridas de cavalos em Campinas. Estava localizado no bairro do Bonfim e começou a abrigar partidas de futebol em 1906. O ‘Ground do Hipódromo’ era uma espécie de campo neutro

3 - “Mandar o jogo” é expressão utilizada para identificar o time que recebe em seu estádio a equipe adversária.

para se jogar as partidas mais acirradas ou mais importantes. A Ponte Preta mandou mais de 135 jogos nesse campo.

Entre os anos de 1928 e 1933, a Ponte Preta mandou seus jogos no campo da Chácara dos irmãos Bierrenbach. Essa praça de esportes foi chamada de Estádio da Júlio de Mesquita e dele ainda resta um muro na Rua Guilherme da Silva, entre as avenidas Júlio de Mesquita e Anchieta. Depois de 1933, a Ponte Preta voltou a mandar seus jogos no Hipódromo.

Até que em 1948, ficou pronto o atual estádio da Ponte Preta, o Moisés Lucarelli, sede definitiva. Do estádio pode-se observar a linha de trem e ao fundo o bairro da Ponte Preta; em outras palavras, o time voltou às origens, voltou a estabelecer-se perto de onde nasceu.

O Guarani F.C. é mais de uma década mais novo, 1º de abril de 1911. Foi fundado por, na maioria, jovens estudantes, descendentes de italianos, e, embora não pertencessem à elite de Campinas, eram ligados às camadas mais privilegiadas da sociedade campineira. Além de estudantes, que se formariam engenheiros e dentistas, por exemplo, também havia no grupo de fundadores marceneiros e barbeiros.

A reunião de fundação ocorreu no Largo Carlos Gomes, hoje Praça Carlos Gomes, ou 'Praça do Coreto', próximo à Prefeitura de Campinas. Foi do nome da praça, que um dos fundadores, José Trani, inspirou-se para sugerir o nome do clube: Guarani, numa alusão à ópera '*O Guarani*', do maestro campineiro Carlos Gomes.

O primeiro campo em que o Guarani treinou e mandou seus jogos foi o 'Ground da Vila Industrial', também chamado de 'Campo do São Vicente', por estar localizado ao lado do asilo Vila São Vicente de Paulo. Para se chegar ao campo era preciso seguir pela Rua Francisco Theodoro, para em seguida ir pelo atalho que levava ao Curtume, para então se chegar à Rua Dr. Sales de Oliveira, local do campo.

O segundo campo bugrino, o 'Ground do Guanabara', localizou-se mais próximo ao centro da cidade, no bairro do Guanabara. O Guanabara foi um dos principais times de Campinas no início do século. O campo situava-se à esquerda da Rua José Paulino para quem se dirigisse à Estação Ferroviária da Companhia Mogiana, a Rua Barão Geraldo de Rezende, que na época da fundação do Guarani F.C. ainda era um caminho de terra batida. O local era conhecido como o 'Ground do Guanabara' ou 'Ground da José Paulino'. Anos mais tarde esse campo passaria a pertencer de fato ao Guarani F.C.

Isso ocorre em 1923, quando os bugrinos inaugurariam o 'Estádio do Guarani F.C.', o primeiro estádio construído com arquibancadas para a prática

do futebol em Campinas. O time mandou por trinta anos seus jogos nesse estádio, também conhecido como o 'Estádio da Rua Barão Geraldo de Rezende', ou 'Pastinho' (pois animais pastavam nas imediações do estádio). Os bairros do Guanabara e Taquaral, regiões nobres de Campinas, são tidos hoje como redutos de bugrinos.

Em 1953, o Guarani inaugura seu atual estádio e sede definitiva, o Brinco de Ouro da Princesa, localizado no bairro do Proença, ao lado da Avenida Princesa D'Oeste, região rica do bairro, ao contrário do estádio pontepretano, que se localiza na região mais pobre do bairro Proença. [4]

O 'DÉRBI': DAS CORRIDAS DE CAVALO PARA O FUTEBOL

Hoje a palavra dérbi está bastante difundida no meio futebolístico. E como o futebol é muito mais conhecido e abordado por nossa cultura que o turfe, as pessoas costumam relacionar dérbi diretamente ao futebol. Mas, na verdade, a palavra dérbi, hoje sinônimo de 'clássico' no futebol, tem origem nas corridas de cavalo.

No Brasil, o primeiro clube de corridas destinado ao turfe foi construído em 1868 no Rio de Janeiro e se chamava Jockey Club. Em 1885, também no Rio de Janeiro, foi construído um segundo clube para corridas de cavalo, o Derby Club. Houve um tempo em que se acostudou referir-se a uma corrida de cavalos neste clube como sendo um *derby*. "Hoje haverá mais um *derby*", diziam. Posteriormente, em 1926, houve uma fusão dos dois clubes, surgindo assim o Jockey Club Brasileiro.

Em São Paulo, o turfe chegou com a inauguração do Club de Corridas Paulistano em 1885, que em 1941, passaria a chamar-se Jockey Club de São Paulo, em atividade até hoje no bairro Cidade Jardim. Nossa língua naquela época era recheada de expressões e palavras inglesas, em função da forte influência da cultura inglesa no Brasil. Podíamos observar isso principalmente nos esportes, como o futebol, com termos como *half-time*, *keeper*, *goal*, etc. A própria palavra 'futebol' é um aportuguesamento de *foot-ball*. Entre essas várias palavras, importamos também o *derby*, que se referia a uma famosa e tradicional corrida de cavalos na Inglaterra, disputada em Epsom, por animais de três anos e com o objetivo de observar e determinar o melhor cavalo de uma geração.

Com o passar dos anos, acostumou-se a chamar qualquer corrida de "derby". A palavra passou então a ser sinônimo, dentro do universo do turfe, de 'corrida', 'embate', 'confronto', 'disputa', 'peleja', ou 'combate'. Ainda na primeira metade do século XX, a palavra foi levada para outros esportes, principalmente o futebol, onde passou a ser sinônimo de 'clássico', um jogo com história e tradição, de grande e acirrada disputa entre rivais tradicionais. Um clássico ou dérbi passa a

4 - Não estão aí, portanto, os 'jogos fantasmas' (expressão que eu escolhi) citados pelos pontepretanos. Foram sete 'jogos fantasmas', com quatro vitórias da Ponte Preta e um do Guarani F.C. (por escanteios em Torneio Início), além de dois empates (ou outras duas vitórias da Ponte Preta, como afirmam os pontepretanos). Todos realizados entre 1911 e 1916. (ROSSI, 1989).

designar assim as partidas que envolvem rivais históricos e tradicionais, o que significa dizer, os encontros entre os tradicionais times de uma cidade, que tenham uma rivalidade já enraizada historicamente.

Os jogos do futebol brasileiro que são conhecidos como 'dérbis' são Ponte Preta X Guarani F.C. e S.C. Corinthians P. X S.E. Palmeiras. Aliás, nas últimas décadas, acostumou-se a chamar mais o jogo campineiro de dérbi do que o encontro paulistano. Isso se deve à presença de outros dois grandes clubes em São Paulo, com quem S.C. Corinthians P. e S.E. Palmeiras também fazem clássicos de igual tradição, o São Paulo F.C. e o Santos F.C.. Raramente outros clássicos pelo país recebem esse tratamento. Assim, não é exagero dizer que o maior dérbi, ou o que ostenta mais freqüentemente essa denominação hoje, é o campineiro.

FUTEBOL EM CAMPINAS: ORIGENS

A história do futebol em Campinas confunde-se com a própria história do futebol em São Paulo e no Brasil. Os estudiosos reconhecem e adotam como marco inicial do futebol no Brasil o ano de 1894. Nesse ano, Charles Miller voltou da Inglaterra trazendo na bagagem bolas e as regras do futebol. Acredita-se que o primeiro jogo de futebol em terras brasileiras tenha sido disputado em 1895. Era um esporte da elite, que importou muitas coisas da Inglaterra, como o futebol. Um dos mais tradicionais times de Campinas no começo do século XX foi o London F.C., formado por descendentes de ingleses.

Nas duas primeiras décadas do século XX ocorreu um verdadeiro surto de times de futebol em Campinas. Nessa época, o esporte era puramente amador e disputado por jovens ligados a camadas mais ricas da sociedade campineira. O primeiro time da cidade foi o Gymnasio Athletic Club. Outros surgiram como Campinas Athletic Club, a Associação Athletica Campineira, o Ideal Foot-Ball Club e o Sport Club Commercial.

A primeira tentativa de se criar um certame na cidade de Campinas foi em 1907, mas o intento fracassou. Somente em 1912 seria organizado e disputado um certame na cidade. Esse, que seria o primeiro campeonato campineiro, foi organizado pela Liga Operária de Futebol. A iniciativa da criação da liga e do certame partiu do Corinthians F.C.. O S.C. Operário logo aderiu e passou a ser uma liderança na mesma, daí o nome da entidade.

Da assembléia de fundação dessa liga em 21 de abril de 1912, na sede social do Corinthians F.C., na Rua Regente Feijó, participaram cinco clubes, os fundadores: Corinthians F.C., Internacional F.C.M., Ponte Preta, Guarani F.C. e London F.C.. Esse primeiro certame recebeu certa atenção da imprensa, mas esta não destacou a competição, apresentando apenas notas curtas. A Ponte Preta

sagrou-se a primeira campeã de Campinas, o Guarani F.C. ficou em segundo lugar. Nessa época, ambos já eram os times de maior destaque na cidade.

De 1913 a 1915 não se organizou nenhum campeonato na cidade, embora a atividade dos times campineiros tenha sido intensa com a disputa de muitas partidas amistosas. Em 1915, no dia 23 de dezembro, foi criada a Associação Campineira de Futebol, ACF. A entidade organizou no ano seguinte o segundo certame campineiro.

Os clubes que participaram da fundação da ACF eram os melhores times da cidade na época: Ponte Preta, Guarani F.C., London F.C., Campinas Black Team e S.C. White Team. O certame de 1916 da ACF foi vencido pelo Guarani F.C., que entre os segundos quadros terminou como vice-campeão. A Ponte Preta, que foi campeã entre os segundos quadros, terminou em quarto lugar.

Em 1917, no segundo Campeonato campineiro da ACF, o S.C. White Team sagrou-se campeão. Ponte Preta e Guarani F.C. ocuparam respectivamente o segundo e terceiro lugares. Esse foi o único certame citadino em que o vencedor não foi um dos dois. No certame dos segundos quadros, o Concórdia F.C. sagrou-se campeão e Ponte Preta e Guarani F.C. apenas inverteram suas posições.

Estava em disputa neste certame a Taça Câmara Municipal. A competição teve início em 7 de setembro de 1917 e terminou em outubro de 1918. Dez times iniciaram a competição e apenas cinco terminaram. Devido à duração desse tumultuado campeonato, não foi realizado um certame em 1918, até porque não sobrara mais tempo para isso. O terceiro Campeonato campineiro da ACF só aconteceria em 1919, com os mesmos times que terminaram a competição do ano anterior.

O Guarani F.C. sagrou-se campeão de 1919. A Ponte Preta terminou em segundo lugar, conquistando a Taça Japonesa, por ter conquistado dois vice-campeonatos seguidos. O último certame organizado pela ACF aconteceu em 1920, o Guarani F.C. voltou a ser o campeão e ficou com a posse definitiva da Taça Municipal.

De 1921 até 1934 não houve nenhum campeonato na cidade. Era um período amador e, como não havia um consenso entre os times quanto à forma de realização de um certame na cidade, passou-se mais de uma década sem a disputa. Os times campineiros mantiveram suas atividades, disputando amistosos e torneios sem importância contra times da região. Já despontavam nesse período como potências do futebol campineiro e da região a Ponte Preta e o Guarani F.C., o que lhes rendeu projeção em São Paulo.

No final da década de 20, ambas as equipes foram convidadas a participar dos certames da capital, o então Campeonato Paulista. A LAF convidou a Ponte

Preta para disputar os campeonatos de 1928 e 1929. O Guarani F.C. foi convidado a disputar o certame da APEA de 1927 a 1930, a outra entidade que organizava o certame paulista, na época dividido. Ambos foram convidados por estarem na época entre os principais times do interior de São Paulo e realizaram boas campanhas nos certames de que participaram. Foi um período em que a cidade ficou privada do seu maior clássico, que de 1928 a 1931 não foi jogado.

Entre os anos de 1923 e 1932, Ponte Preta e Guarani F.C. e outros times campineiros, como o Dalva F.C. e o Ipiranga F.C., que jogaram o certame de 1926, disputaram o Campeonato do Interior. Nesse momento, o futebol passava na capital por um processo de profissionalização, que levou ao reconhecimento da atuação como jogador de futebol enquanto profissão, mediante lei promulgada em 1933.

Em 28 de fevereiro de 1935 foi criada a Liga Campineira de Futebol, LCF. Os times que formavam a liga eram, além de Ponte Preta e Guarani F.C.: Bonfim F.C., Campinas F.C., E.C. Corinthians, Guanabara F.C., Jardim F.C., Voluntários da Pátria F.C. e o tradicional E.C. Mogiana, que tinha sido fundado em 7 de junho de 1933.

No ano de estréia da LCF o título ficou com Ponte Preta, assim como entre os segundos quadros. O Campeonato campineiro é realizado até hoje pela LCF, que permanece uma entidade amadora. Muitos times extinguiram-se, mas a competição ainda é disputada por muitos times amadores da cidade. A Ponte Preta e o Guarani F.C. participaram do certame com seus respectivos times principais até 1946.

A partir de 1947, Ponte Preta e Guarani F.C. passaram a disputar os campeonatos organizados pela Federação Paulista de Futebol, FPF, abandonando gradualmente o futebol amador da cidade. Inicialmente na II Divisão, mas logo ambas as equipes estavam na I Divisão. O Guarani F.C. subiu em 1949 e no ano seguinte, a Ponte Preta também subiria. Com a disputa do Campeonato Paulista da I Divisão, as duas equipes tornaram-se efetivamente profissionais. Ponte Preta e Guarani F.C. conseguiriam enorme projeção entre os profissionais, chegando a disputar muitos títulos, tanto nos certames paulistas, como nos nacionais. No final da década de 70, Campinas, devido à extraordinária fase que viviam Ponte Preta e o Guarani F.C., chegou a ser chamada de a 'Capital do Futebol'.

O DÉRBI CAMPINEIRO

O dérbi campineiro, que já foi chamado de "o espetáculo de gala do futebol campineiro" (*Correio Popular*, 6 de março de 1976), começou a ser disputado em

1912. Determinar o primeiro embate, assim como o número total de jogos e o retrospecto entre os dois é mais um alibi para acirrar a rivalidade. Pois pontepretanos e bugrinos têm números diferentes. Existem alguns 'jogos fantasmas' citados pelos pontepretanos, que não constam em jornais da época. O que não significa que não tenham acontecido. Muitos desses dados foram obtidos por testemunhos orais.

A imprensa da época dedicava pouco espaço ao esporte. O futebol era noticiado em notas curtas e nem sempre todos os eventos apareciam nas páginas dos jornais, assim como nem sempre se dava seqüência a uma notícia divulgada nas páginas dos jornais. Optei por considerar apenas os jogos que constam nos jornais. Primeiro porque não há dúvida de que tenham ocorrido, e também porque a minha principal fonte para o estudo foi a imprensa escrita.

Até o ano de 2001, quando concluí meu estudo, foram realizados 171 jogos, com 60 vitórias do Guarani F.C., 54 vitórias da Ponte Preta e 56 empates, além de um placar desconhecido, o que mostra grande equilíbrio no clássico. Os alviverdes marcaram 232 gols contra 218 dos pontepretanos, o que resulta num saldo favorável aos bugrinos de 14 gols. [5]

O primeiro encontro entre os rivais aconteceu no campo da Vila Industrial em 24 de março de 1912. Era um amistoso e o placar dessa primeira partida é desconhecido. O segundo jogo aconteceu no mesmo ano, em 19 de maio, no Hipódromo Campineiro. E esse já valia pelo Campeonato Campineiro e a Ponte Preta venceu por 2 a 1.

Nesse momento inicial, duas partidas despertaram muito a atenção da população da época. A primeira, em 23 de agosto de 1914, em amistoso vencido pelo Guarani F.C. por 2 a 0 no campo de Souza, e a segunda, em 21 de maio de 1916, no Hipódromo Campineiro pelo Campeonato Campineiro e nova vitória bugrina pelo mesmo placar. Em ambos os jogos ocorreram muitas brigas envolvendo jogadores e torcedores que ganharam inclusive as ruas da cidade. A rivalidade já era uma realidade.

O último embate pelo Campeonato Campineiro, jogando ainda com seus respectivos times principais, ocorreu em 18 de agosto de 1946, no antigo Estádio do Guarani F.C., e o alviverde venceu por 3 a 0. No ano seguinte, enfrentar-se-iam pela primeira vez no certame da 2ª Divisão do Campeonato Paulista organizado pela Federação Paulista de Futebol. O jogo aconteceu novamente no Estádio do Guarani F.C., em 28 de junho, e a Ponte Preta venceu por 3 a 2.

Já na I Divisão o primeiro jogo aconteceu em 12 de agosto de 1951, no "Pastinho" também e o Guarani F.C. venceu por 2 a 1. E talvez o mais importante dérbi tenha sido o do dia 27 de junho de 1979, no Estádio Moisés Lucarelli. Naquele

5 - O encontro entre Ponte Preta e Guarani F.C. representa um embate social simbólico até hoje. É claro que atualmente não é muito fácil distinguir os torcedores de um e do outro. Mas existe claramente uma identificação, que se torna bastante precisa, à medida que recuamos no tempo. A Ponte Preta é o time do povo, das camadas mais populares ou pobres de Campinas, já o Guarani F.C. é o time da classe média e rica da cidade. Essa distinção hoje é, quase sempre, meramente simbólica e não representa a realidade. Muitas famílias tradicionais e ricas de Campinas são pontepretanas, enquanto que muitas famílias pobres, que habitam bairros pobres e favelas, são bugrinas...

dia houve empate em 1 a 1 e, como a Ponte Preta havia realizado melhor campanha, sagrou-se campeã do 2º Turno do Campeonato Paulista de 1978 (está correto, do ano anterior mesmo).

Ao todo foram 38 jogos no Estádio do Guarani F.C. e 52 jogos em cada um dos atuais estádios, o Moisés Lucarelli e o Brinco de Ouro da Princesa. Também houve, além dos antigos campos da primeira metade do século, 10 jogos no Estádio Dr. Horácio Antônio da Costa, o 'Mogiana', e um dérbi no Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, em São Paulo. As duas maiores goleadas bugrinas aconteceram em 1960 e 1955, respectivamente por 6 a 0 e 5 a 1. E a maior goleada pontepretana deu-se em 1943, 1952 e 1954, sempre por 4 a 0.

O DÉRBI CAMPINEIRO E A IMPRENSA

Em Campinas, a imprensa aparece cinquenta anos depois da imprensa chegar ao país. Em 1858, surge o primeiro jornal da cidade, o *Aurora Campineira*. A primeira edição do jornal saiu no dia 4 de abril. Era semanal e circulava aos domingos.

Na passagem do século XIX para o século XX, Campinas possuiu muitos jornais, como a *Gazeta de Campinas*, o *Correio de Campinas*, o *Cidade de Campinas*, o *Diário de Campinas* e o *Commercio de Campinas*. Para o estudo do dérbi através da imprensa escrita me interessavam dois veículos, o *Diário do Povo*, que começou a circular em 20 de janeiro de 1912, antes, portanto, do primeiro dérbi, e o *Correio Popular*, que começou a circular em 4 de setembro de 1927. Também jornais da capital, como por exemplo, a *A Gazeta Esportiva*, que chegou inclusive a ter por muitos anos uma sucursal em Campinas, também foram fontes valiosas para o estudo.

Através da relação entre a evolução do dérbi e do futebol de Campinas e do Brasil com a imprensa e a cobertura esportiva, foi possível perceber uma relação de simbiose que se transforma ao longo de quase um século de interação. E como o futebol é um extraordinário fenômeno cultural, encontra na imprensa um meio pelo qual é difundido, o que evidentemente também beneficia a imprensa, daí a simbiose.

Perceber, então, que existe uma relação entre imprensa e futebol é automático. Mas essa relação vai além da simples cobertura que se propõe apenas relatar fatos referentes ao futebol. Há uma relação que se torna muito mais próxima, mais íntima, uma interação muito mais poderosa, através da qual a imprensa parece buscar no futebol seu enorme potencial onírico, emotivo e simbólico. E esse conteúdo é difundido na sociedade, que assimila esse universo e essas características. Ocorre a partir da imprensa um processo de 'domesticação' dessas características,

dando a elas nomes e formas. Padroniza-as. Aparentemente a imprensa apossa-se do futebol, mas sem de fato consumir tal intento. Ela não poderia, por ser o futebol e seu universo um fenômeno social independente, criador de muitas características, algumas básicas, de sua cultura particular.

E o futebol também beneficia-se, pois é difundido de maneira eficaz e a paixão por esse esporte é realimentada e direcionada novamente ao meio futebolístico pela imprensa. É um processo contínuo, de duas vias, ida e volta, pelo qual ambos, imprensa e futebol, beneficiam-se sempre. Com a imprensa, o universo do futebol mescla-se ainda mais às entranhas de nossa cultura, passando a ser parte inerente dela. E ela se torna parte atuante do universo do futebol a partir do momento em que começa a cobri-lo.

Essa relação é possível de ser percebida no recorte que realizei ao estudar o dérbi campineiro. É claro que boa parte da rivalidade entre Ponte Preta e Guarani nasceu dos seus confrontos desde 1912. Nasceu e cresceu a cada jogo, entre os agentes diretos do clássico, como jogadores, comissão técnica, dirigentes e, principalmente, torcedores, no campo de jogo, na cidade. Mas, além disso, também a imprensa é responsável por acirrar ainda mais um clássico e promovê-lo, ao diferenciá-lo dos demais embates ou encontros, chamando-o de clássico e posteriormente, alguns deles, principalmente em São Paulo, de dérbi. No caso do dérbi campineiro, a rivalidade nasceu fora da imprensa, mas se tornou eterna e grandiosa nas páginas da imprensa. Isso beneficiou a ambos, imprensa e dérbi.

A relação entre imprensa e futebol, através do clássico entre Ponte Preta e Guarani, pode ser dividida em cinco fases diferentes. Cada fase representa um momento específico da cobertura do dérbi, com características próprias inerentes ao seu tempo, contexto e espaço, onde estão implícitos momentos específicos de cada um, da imprensa (principalmente *Diário do Povo* e *Correio Popular*) e do futebol. Essas são as fases que podemos discriminar com o estudo realizado:

A) 1912 – 1920

A esse curto período, podemos acrescentar também toda a primeira década do século XX, se considerarmos os anos de relação entre imprensa e futebol que antecederam os jogos entre Ponte Preta e Guarani F.C.. Esses anos correspondem aos primórdios do futebol em Campinas. É nesse ano que começa a circular o *Diário do Povo*. O jornal, portanto, foi o único em Campinas que acompanhou toda a trajetória do clássico. Também é fundamental contextualizar o espaço em que se dá essa relação inicial, a Campinas do início do século XX. A cidade vive um momento de grande prosperidade econômica, impulsionada pela produção de café.

Ocorre em Campinas, nesse momento, a primeira industrialização, voltada

principalmente para a cultura do café, para as atividades agrícolas. Apesar de recente, o futebol, que chegara a Campinas em 1897, era muito disseminado pela sociedade campineira e era focalizado por ela e pela imprensa como uma 'novidade', e; para os olhos de uma parte da sociedade campineira, até como um 'estranho jogo violento e selvagem'. A popularização do futebol nessa época se deu, além da difusão da prática em si, através dos imigrantes, que valorizavam muito a prática esportiva, principalmente alemães e italianos.

Nessas duas primeiras décadas, os jornais que circulavam em Campinas não destinavam ao futebol um espaço grande. Havia no *Diário do Povo* apenas um espaço de meia página ou um terço dela destinado aos esportes. As notícias de futebol vinham em meio a outras seções, como contos ou notícias com eventos culturais e religiosos da cidade. E o futebol não era ainda uma modalidade que encabeçava a seção e ocupava a maior parte do espaço destinado aos esportes, como ocorre hoje. Ele dividia o espaço com outras modalidades como o boxe e o ciclismo, ou a aviação, vista na época como um esporte, uma atividade para atletas, não raras vezes vistos como 'heróis'. As notícias de futebol vinham em notas curtas e eram basicamente chamadas ou convocações de clubes para eventos futebolísticos e clubísticos.

B) 1920 – 1930

Nessa década o futebol firma-se em Campinas e ganha proeminência em relação aos outros esportes. Surgem mais times na cidade. Ponte Preta e Guarani F.C. ganham projeção estadual com a participação no Campeonato do Interior e também em certames da Apea e da LAF. O futebol passa por uma fase de enorme popularização do jogo, basicamente em duas esferas, com o surgimento das torcidas dos principais e já famosos times da cidade, como a Ponte Preta e o Guarani F.C., e com a prática efetiva do jogo nos muitos espaços que a cidade oferecia e nos clubes, surgindo inúmeros times de várzea e de clubes de bairros. Campinas, embora tenha crescido, manteve nesse período as mesmas características do período anterior, voltado para a cultura do café.

Na imprensa, o futebol consolida seu espaço como esporte de destaque para a cobertura jornalística. Suas notícias aparecem já em textos maiores, não mais como simples notas, e já ocorre, na segunda metade da década, a utilização de fotografias na página, agora inteira, de esportes. O *Correio Popular* começa a circular em 1927 e, desde o início, dedica uma página inteira para os esportes, ilustrada já com fotografias, onde mais se destaca o futebol. Entre as primeiras seções dos jornais que se utilizam de fotografias, está essa página destinada aos esportes. As primeiras fotografias são utilizadas no jornal, num primeiro momento,

para ilustrar a notícia e, num segundo momento, para complementá-la e enriquecê-la. A utilização de fotografias nos jornais representa um diferencial significativo nos projetos gráficos, em seu aspecto e estética. Para o futebol e mesmo outras seções do jornal, utilizavam-se fotografias posadas, já que a produção de uma fotografia naquela época não contava com vantagens e facilidades de hoje. Assim, como as fotografias necessitavam de um grande tempo de exposição para serem produzidas, elas encontraram nos esportes um espaço para serem veiculadas. Eram fotos posadas de jogadores e times de futebol, raramente de jogos.

Hoje, os cadernos de esportes estão repletos de fotografias que só puderam ser produzidas devido às modernas tecnologias que permitem captar uma imagem num tempo muito curto de exposição e também com pouca luz.

Na página dedicada aos esportes, logo na primeira edição do jornal *Correio Popular*, o mesmo lamenta o fato de Ponte Preta e Guarani F.C. estarem em lados opostos naquele momento, cada um em cada uma das duas entidades que então organizavam o certame de São Paulo. O jornal lamenta que o povo campineiro estivesse naquele momento privado do seu maior clássico.

O futebol totalmente amador das duas primeiras décadas do século XX dá espaço a um futebol com nuances de profissionalismo, que se estabelecerá efetivamente na década seguinte. A imprensa passa a tratar o futebol como um grande evento na cidade. Esse período preparou e difundiu o futebol para o período posterior, em que o esporte se profissionalizaria.

C) 1930 – 1947

Nos primeiros anos da década de 30 o futebol profissionaliza-se no Brasil, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Em São Paulo, a APEA, entidade de futebol amador e que defendia o amadorismo, sobrevive apenas mais seis anos, até 1936, e desaparece, o mesmo acontecendo com o então maior time de São Paulo, o C.A. Paulistano, que fechou seu departamento de futebol em 1929 por não concordar com o profissionalismo. A então Liga Paulista de Futebol (LPF) passa a comandar o futebol paulista e se transforma em 1941 na Federação Paulista de Futebol (FPF). Esses acontecimentos representaram uma significativa mudança no universo do futebol. Em Campinas, em 1935, é criada a Liga Campineira de Futebol (LCF), que também organiza o futebol campineiro e através da qual os dérbis ganham grande projeção e se tornam grandiosos eventos na cidade.

A 'profissionalização' do futebol e as mudanças ocorridas em sua organização refletem-se de maneira significativa na imprensa, que também participa dessa

organização e vê nela a chance de utilizar-se dessa situação, passando a realizar uma cobertura muito maior e mais minuciosa, além de valer-se de crônicas, que abordam com mais profundidade aspectos do futebol. As páginas dos jornais passam a promover os novos certames de um futebol cada vez mais organizado e 'profissional', contribuindo de forma significativa para torná-los conhecidos e grandes. A imprensa necessita de um futebol forte e organizado. A cidade de Campinas vive o início da fase da segunda industrialização, com um grande crescimento populacional através da migração interna, ocupando espaços que antes eram aproveitados para a prática do futebol, chamado posteriormente de 'futebol de várzea'. Esse crescimento da cidade proporciona o aumento do público para o futebol, tanto para a prática e presença nos estádios, quanto para a compra e leitura de jornais com a cobertura do futebol. Mesmo com a ocupação do espaço e o fim de muitos 'campos de várzea', o futebol cresce em difusão e paixão, principalmente em função de sua organização e difusão nos meios de comunicação.

A imprensa, nesse sentido, interage diretamente com o futebol e sua organização. Nos anos 30, ela é fundamental para, em São Paulo, substituir o futebol amador por um futebol profissional. Com a profissionalização vem a promoção do evento, engrandecendo-o, o que é fundamental para a imprensa, como material a ser explorado jornalística e mercadologicamente. No *Diário do Povo* e no *Correio Popular*, embora o futebol de Campinas tenha vivido um misto de amadorismo e profissionalismo (A.A. Ponte Preta, Guarani F.C. e E.C. Mogiana, por exemplo, eram times profissionais, mas outras equipes da cidade eram basicamente amadoras, e todas se encontravam no certame campineiro da LCF), também houve uma espécie de campanha indireta pela organização e profissionalização do futebol.

É nessa época, em 1932, com a perspectiva do retorno da disputa do embate entre Ponte Preta e Guarani F.C. na cidade, que o *Correio Popular* batiza o jogo como 'dérbi'. O termo, sinônimo de 'embate', 'rivalidade' e 'tradição', foi 'importado' da capital, onde, anos antes, o jornalista Thomaz Mazzoni referiu-se ao clássico S.C. Corinthians P. X Palestra Itália (depois S.F. Palmeiras) como sendo o "dérbi paulistano", ou seja, o maior clássico de São Paulo, como ainda é até hoje. A comparação foi precisa, já que desde 1910 Ponte Preta e Guarani F.C. realizam o maior clássico da cidade. Os jornais passam a realizar coberturas mais intensas e o futebol assume definitivamente um lugar de grande destaque na parte destinada aos esportes. Jogos, principalmente os dérbi e os que envolviam Ponte Preta e Guarani F.C. contra outras equipes da cidade e região passam a receber grande atenção da imprensa e são promovidos. Além dos campeonatos campineiros, também são realizados torneios curtos que contribuem para

desenvolver o futebol em Campinas, como por exemplo, o Torneio Taça Cidade de Campinas. Os jornais campineiros também realizam grande cobertura de seus times na disputa do Campeonato do Interior, organizado pela FPF no início dos anos 40.

D) 1947 – 1969

Nesse período, Campinas consolida-se como pólo industrial e ocorre um grande crescimento da cidade, e a cobertura do futebol intensifica-se ainda mais. O jornalismo esportivo da imprensa escrita precisou adaptar-se à existência de efetiva participação de outros veículos na cobertura dos eventos sociais e esportivos, principalmente o futebol, já que passava haver também, no início dos anos 40, a cobertura do futebol pelo rádio, inclusive com transmissão ao vivo de jogos na cidade. As páginas dos jornais tornam-se mais completas e precisas em relação à cobertura do futebol. Fotografias e crônicas, onde se podia aprofundar um debate sobre futebol, interpretando e analisando o fato muito depois dele ter ocorrido, passam a fazer parte da página esportiva. As crônicas ou colunas de futebol utilizam-se de uma linguagem mais literária.

Em Campinas, além do *Diário do Povo* e do *Correio Popular*, também há a *A Gazeta Esportiva*, que passa a ter uma sucursal na cidade. Assim, no jornal *A Gazeta Esportiva* também se observou grande e intensa cobertura do futebol do interior, principalmente de Campinas. A relação imprensa e futebol torna-se ainda mais próxima, a ponto de se dar, a partir da imprensa, a criação de certames e disputas, como por exemplo a Taça Gazeta de S. Paulo, oferecida pela imprensa campineira para os times em alguns jogos importantes da época. Até o nome do tradicional estádio do Guarani, 'Brinco de Ouro da Princesa', foi inspirado numa comparação feita um ano antes por um jornalista do *Correio Popular*, João Caetano Monteiro Filho em sua coluna no jornal. O mesmo ocorre em relação ao desenvolvimento das categorias de base no futebol. Até então havia a manutenção de um segundo time, os aspirantes (reservas), chamado de 'Segundo Quadro'.

Posteriormente, com significativa participação da imprensa nesse processo, começa a haver uma preocupação de organizar e manter as categorias de base e também de se realizar competições nessas categorias. Firmam-se, por exemplo, as categorias infantil e juvenil. E muitos campeonatos nessas categorias foram promovidos e receberam grande atenção da imprensa campineira e da *A Gazeta Esportiva*. Os jogos ocorriam na preliminar das partidas principais. O termo 'dente-de-leite', que foi utilizado basicamente até o final da década de 80, foi criado pelo jornalista Ferdinando Panattoni, responsável pela sucursal de *A Gazeta Esportiva* em Campinas, e que muito promoveu o futebol e outros esportes da cidade, através

de eventos esportivos, comemorativos ou beneficentes, além de insuflar a rivalidade entre Ponte Preta e Guarani F.C., se utilizando da mística do jogo e promovendo o *dérbi*.

Se por um lado o esporte amador beneficiou-se com essa aproximação da imprensa, por outro lado estabeleceu-se a separação definitiva entre o futebol profissional e o futebol amador. Ponte Preta, Guarani F.C. e E.C. Mogiana (este por poucos anos) tornaram-se os únicos times profissionais da cidade e ingressaram, em 1947, na disputa do Campeonato Paulista (2ª Divisão) organizado pela FPF, e por isso receberam um espaço muito maior na imprensa local. A partir desse ano, os campeonatos campineiros, de caráter amador, foram privados dos times principais de Ponte Preta e Guarani, que ainda participaram até os anos 60 de suas competições, mas enviavam os respectivos times juvenis.

E) 1970 – hoje

A cidade de Campinas recebe uma grande migração de pessoas das classes média e alta, devido ao fato de ser um pólo industrial em crescimento e por também constituir-se a partir desse momento numa cidade de grande estrutura educacional, com a criação de universidades. O perfil dos torcedores campineiros sofre mudanças. Ocorre um grande avanço tecnológico na cobertura esportiva. Os jornais passam a ficar prontos mais rapidamente, as rádios começam a alcançar lugares mais distantes e principalmente surge a cobertura televisiva para o futebol. A Copa de 1970 foi transmitida ao vivo. A imprensa escrita precisa mais uma vez adequar-se ao momento. As crônicas ou colunas sobre futebol, por exemplo, tornam-se mais objetivas e menos literárias, como eram no período anterior. Mas esse caráter literário ainda é encontrado em alguns cronistas ou colunistas nesse período. Perde-se também o contato direto e mais afetivo que os cronistas e jornalistas tinham com os clubes e com o futebol local.

A objetividade e a busca da imparcialidade, somadas aos avanços tecnológicos para a difusão da notícia e a preocupação com a medição e estatísticas do jogo ou certame, afastaram o jornalista do clube, do envolvimento direto na sua vida cotidiana, no envolvimento com a torcida. Nos anos 90, por exemplo, não havia mais necessidade da presença física do jornalista nos clubes. Os próprios clubes, não todos, passaram a ter assessorias de imprensa, que nem sempre são formadas por jornalistas, e que se encarregam de enviar as notícias. Essas assessorias são raras no Brasil e mais comuns no futebol europeu. Embora não seja uma regra, pois muitos jornalistas de jornais vão ao clube ainda hoje, essa parece ser uma tendência. O jornalismo praticado pela internet é um exemplo

claro dessa tendência ao distanciamento. Pude perceber isso em minha experiência como jornalista num veículo pela internet. Cobríamos clubes e jogos sem nos levantarmos de nossas cadeiras em frente a um computador e um telefone. O futebol transforma-se nesse período que se inicia nos anos 70 num extraordinário evento ou espetáculo, de enorme potencial mercadológico (nos anos 80, as camisas dos times ganhavam propagandas...). Nos últimos anos da década de 60, o futebol já se tornara notícia comum nas primeiras páginas do jornal, o que não acontecia antes.

Hoje, um evento futebolístico pode ser a primeira página inteira de um jornal da grande imprensa. No final da década de 70 e início da década de 80 ocorre um processo de cadernização do jornal, ou seja, a divisão do jornal em cadernos específicos. É um dos cadernos criados e de maior destaque é o de esportes, que em quase sua totalidade aborda o futebol. Nesses cadernos, alguns jornais começam a se utilizar de outros recursos para inovar e melhorar sua cobertura esportiva. A *Folha de S. Paulo*, por exemplo, começa a usar muitos quadros com estatísticas. Também surgem as colunas, com os colunistas correspondendo aos antigos cronistas. Eles passam a utilizar uma linguagem mais direta e precisa em suas críticas e comentários, mas as colunas não perderam totalmente o caráter literário, que tinham as crônicas nas décadas de 40 e 50, principalmente quando abordam a cultura, folclore e mitos do futebol. Nesse momento, Ponte Preta e Guarani F.C. já figuram entre os principais e mais tradicionais times do país. Ganham enorme projeção estadual e nacional a partir de meados da década de 70, disputando e conquistando títulos. O dérbi se transforma então num clássico nacional.

No final dos anos 90, quando os jornais *Diário do Povo* e *Correio Popular*, passaram a pertencer à mesma empresa, a Rede Anhangüera de Comunicação, RAC. Isso não é bom para o jornalismo em geral na cidade de Campinas, pois os dois maiores veículos, e únicos da grande imprensa, passam a representar a mesma voz ideológica e social, os mesmos interesses. No futebol, a cobertura não se altera tanto. Apenas o *Diário do Povo* passou por uma grande reforma gráfica, mas não editorial. Sua linha de abordagem e ideologia mantiveram-se. O mesmo pode-se dizer sobre *Correio Popular*.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. "Anarquistas e comunistas no futebol de São Paulo". In *Revista Leitura* 11 (127) de dezembro de 1992, São Paulo: 1992.

_____. "Diversão ou trabalho? O futebol dentro da fábrica". In Revista Leitura 12 (141) de fevereiro de 1994, São Paulo: 1994.

_____. "Com brasileiro, não há quem possa": crônicas de futebol e identidade nacional. Tese de doutorado Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP, 1999.

CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial – Memória do Futebol Brasileiro*, São Paulo: Ibrasa, 1990.

CASTRO, Ruy. *Estrela Solitária – Um Brasileiro Chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A Cidade – Os Cantos e os Antros*, São Paulo: Edusp, 1997.

NETO, José Moraes dos Santos. *O Início de Uma Paixão: A fundação e os Primeiros Anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Editora Komedi, 2000.

_____. *Sempre Ponte Preta – Mística, Torcida e a Cidade de Campinas*. Campinas, Editora Komedi, 2001.

REY, Luiz Roberto Saviani. *Eternos Domingos sem Derby*. Campinas: Editoração e Gráfica Lince, 1997.

WITTER, José Sebastião. *O que é Futebol*. Coleção "Primeiros Passos" (No. 237), Editora Brasiliense, São Paulo, SP, 1990.

_____. *Breve História do Futebol Brasileiro*. Coleção "Para Conhecer Melhor", Editora FTD S.A., São Paulo, SP, 1996.